

## INVESTIGAÇÃO DA PROSÓDIA E DA LINGUAGEM NA INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ

INVESTIGATION OF PROSODY AND LANGUAGE  
IN MOTHER-BABY INTERACTION

Karen Moscon Splendore | [Lattes](#) | [karensplendore@gmail.com](mailto:karensplendore@gmail.com)  
Universidade Estadual de Campinas

Ana Carolina Constantini | [Lattes](#) | [acconstantini@fcm.unicamp.br](mailto:acconstantini@fcm.unicamp.br)  
Universidade Estadual de Campinas

Kelly Cristina Brandão da Silva | [Lattes](#) | [ksilva@fcm.unicamp.br](mailto:ksilva@fcm.unicamp.br)  
Universidade Estadual de Campinas

**Resumo:** A fala dirigida ao bebê, ou manhês, possui padrões prosódicos específicos que convocam o bebê à interação e contribuem para a entrada do bebê no universo da linguagem. Diante dessa perspectiva, esse estudo quantitativo e qualitativo, transversal, teve por objetivos investigar a relação entre os padrões prosódicos da fala materna e a constituição do processo interativo mãe-bebê, assim como discutir a importância dessa experiência precoce da criança no seu processo de aquisição da linguagem. A coleta de dados foi realizada através de uma entrevista semiestruturada com as mães e gravação em áudio e vídeo da interação mãe-bebê. Os resultados obtidos a partir dos espectrogramas de fala materna, analisados no *software PRAAT*<sup>®</sup>, e das filmagens das reações do bebê, demonstram que as mães concebem seus filhos como parceiros dialógicos, sendo que os mesmos são atraídos pelas propriedades prosódicas específicas do manhês, dadas por taxa de elocução diminuída e extensão vocal aumentada, indicando que a prosódia materna desempenha uma função linguística desde os primeiros meses de vida. Espera-se que essa pesquisa auxilie no reconhecimento da importância da prosódia materna na interação mãe-bebê, a partir da qual é possível acompanhar o desenvolvimento linguístico do bebê, além de possibilitar a detecção precoce de possíveis alterações.

**Palavras-chave:** Aquisição de linguagem; Manhês; Prosódia.

**Abstract:** Child-directed speech, also referred to as motherese, has some specific prosodic patterns that attract the baby to interaction and contribute to the entrance of the baby into the universe of language. Under this perspective, this quantitative and qualitative, cross-sectional study aimed to investigate the relation between the prosodic patterns of maternal speech and the constitution of the mother-baby interactive process, as well as discuss the importance of this early experience to the language acquisition process. Data collection was performed through a semi-structured interview with mothers and audio and video recording of the mother-baby interaction. The results obtained from the maternal speech spectrograms, analyzed in *PRAAT*<sup>®</sup> software, and from the baby's reaction show that the mother ideates her child as a dialogical partner, and that both are attracted by the specific prosodic properties of motherese, given by decreased speech rate and increased vocal range, which reveals that maternal prosody performs a linguistic function since the early months of life. It is expected that this research will support the acknowledgement of maternal prosody's relevance to mother-baby interaction, through which it is possible to follow the linguistic development of the baby, in addition to enabling the early detection of disturbances.

**Keywords:** Language acquisition; Motherese; Prosody.

## 1 INTRODUÇÃO

O bebê, desde muito cedo, é imerso por seus interlocutores em um universo significativo, no qual é interpretado como parceiro comunicativo do adulto, o qual atribui significados, intenções e interpretações para as vocalizações, olhares e para o choro do bebê, atitudes essas que permitirão que a criança seja inserida na linguagem e se constitua como sujeito. É por meio da interação com seu parceiro que a criança compreende as categorias linguísticas e seu papel dialógico. Lemos (2001) indica que é pela fala do outro que a criança comparece, que a ela se atribui um lugar de falante e um estatuto de sujeito.

Pessoa, Moura e Oliva (2008) destacam que a linguagem, a cognição e os processos de interação social estão intimamente ligados, sendo difícil serem investigados separadamente. É justamente devido a essa relação estreita que as crianças se beneficiam da interação com o interlocutor para a construção do seu processo de aquisição da linguagem, o que evidencia que ele não ocorre apenas em função de um ou de outro, mas sim por meio de processos interativos.

O manhês, para Catão (2009), é um modo especial de fala materna dirigida ao bebê, o qual possui características peculiares em relação à sintaxe, léxico e prosódia. Essas

características marcadas respectivamente por utilização de frases curtas e repetidas, simplificação morfológica das palavras e tom de voz mais agudo com prolongamento de vogais e velocidade reduzida fornecem pistas importantes sobre a língua materna. Tais peculiaridades do manhês auxiliam o bebê na segmentação do enunciado que lhe chega, já que atraem a atenção da criança e facilitam a percepção da língua materna.

Segundo Scarpa (2001), a fala à qual a criança é exposta é um importante fator de aprendizagem da linguagem, uma vez que a criança é diretamente afetada por ela, principalmente em decorrência das mudanças que a fala adulta sofre quando é dirigida à criança, sendo essas modificações no campo fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático, dotadas de entonação exagerada, duplicação de sílabas, velocidade reduzida, voz diferenciada, frases simples, palavras familiares e repetições das emissões da criança.

No que concerne à prosódia, Borrego e Behlau (2012) afirmam que ela é um importante recurso de transmissão de sentido e de interpretação e compreensão da fala, tendo como principais características elementos supra-segmentais como intensidade, ressonância e frequência vocal, padrão articulatorio, duração, pausa, ritmo e velocidade de fala. As funções prosódicas, segundo Barbosa e Madureira (2015), atuam no plano linguístico por meio de funções discursivas, dialógicas, limites ou fronteiras de constituintes prosódicos e de proeminências que assinalam saliências auditivas de um constituinte prosódico em relação a outro. Já no plano expressivo, podem ser: atitudinais, quando expressam atitude ou forma de elocução; afetivas, quando expressam emoções, afeto e humor, e indiciais, quando marcam gênero, origem social e dialeto do falante.

Segundo Cavalcante e Barros (2012), as modificações prosódicas mais frequentes da fala dirigida à criança são marcadas por frequência fundamental mais alta, âmbito de altura maior, preferência por certos contornos tais como os ascendentes, uso de falsete, ritmo mais lento, partes sussurradas do enunciado, duração prolongada de certas palavras, além de mais de um acento frasal.

Scarpa e Svartman (2012) enfatizam que a prosódia estabelece a ponte inicial entre a organização formal da fala e o potencial significativo e discursivo da língua nos primeiros anos de vida, sendo a possibilidade primeira de estruturação, ligando o som ao sentido.

É possível também encontrar estudos que mostram a correlação entre prosódia e distúrbios da linguagem, tal como apontada pelo estudo de Lopes e Lima (2014), cujo objetivo foi realizar um levantamento das publicações indexadas em bases de dados internacionais que relacionassem a percepção/produção da prosódia aos distúrbios de lin-

guagem. Esse estudo reforça a importância da prosódia para a constituição da linguagem do sujeito, visto que também é forma de expressão e interação social.

Em uma pesquisa realizada por Scarpa e Svartman (2012), a percepção prosódica no primeiro ano de vida e as características prosódicas da fala adulta dirigida à criança foram analisadas, assim como os fatores pré-linguísticos e a produção de sistemas prosódicos no segundo ano de vida, por meio da análise acústica do espectrograma de fala nessas situações. As autoras destacam questões importantes em termos de significados gramaticais e pragmáticos que fornecem pistas para *bootstrapping* prosódico de determinantes, o que aponta para cruzamentos entre a percepção e a produção, para a interface entre som, forma e sentido, para organização formal da fala e pistas de subjetivação.

É possível ainda encontrar estudos realizados com a utilização de espectrogramas que mostram a importância da prosódia materna na interação mãe-bebê, tal como evidencia o estudo feito por Laznik et al. (2005). Nessa pesquisa foi realizada a comparação da fala materna com bebês autistas e não autistas, com o objetivo de discutir a importância do papel da voz na determinação do destino da constituição do sujeito.

Pessoa e Moura (2008) salientam que o manhês apresenta como características a clareza acústica, redundância nos enunciados, discurso mais lento e com voz em tom mais alto, expressões faciais que acompanham as entonações de voz exageradas e variáveis, tensão vocal nas palavras diferentes, intervalos estrategicamente colocados, além de uma diversidade lexical constituída por palavras concretas, perguntas, uso de imperativo, poucos tempos verbais no passado e poucas frases subordinadas e de complexa construção.

Socha (2008) indica que essas características permitem uma aproximação da fala adulta à fala infantil, fazendo com que ocorra uma identificação da criança com seu interlocutor e vice-versa. Dessa maneira, o bebê reconhece seus próprios gestos sonoros que são dotados de grande amplitude melódica. Isso se dá pelo fato de que o manhês revela uma dissociação entre conteúdo e modo do discurso, já que o sentido se dá muito mais pela melodia e sonoridade do que pelo próprio conteúdo a ser dito, remetendo ao plano afetivo e envolvendo a criança de modo a estabelecer uma relação de confiança entre a mãe-bebê.

A fala materna, ao nomear e significar as experiências do bebê, permite que essas experiências vivenciadas por ele adquiram representação psíquica, ou seja, sejam simbolizadas e façam parte da estruturação do eu e das operações psíquicas do sujeito (SOCHA, 2008).

Há estudos que apontam a existência de uma capacidade adaptativa do manhês, que é norteada segundo as respostas e as capacidades da criança à qual o falante se dirige, tal como é possível compreender na proposta feita por Fernald (1991). Segundo a autora, a fala dirigida à criança é dividida em estágios: inicialmente é utilizada como estímulo auditivo para engajar e manter a atenção dos bebês recém-nascidos e bem pequenos; posteriormente é utilizada para modular ativação e emoção nos bebês um pouco mais velhos e também chamar a atenção do bebê, além de comunicar sentimentos e intenções do falante. No momento em que a criança começa a entender o significado das palavras, os padrões de entonação e pausas do manhês facilitam a aquisição de linguagem.

Jakobson (1995) coloca que, para ser eficaz, a mensagem requer um contexto verbal, ser compreensível à pessoa a qual se destina, ter um código total ou parcialmente comum ao falante e ao destinatário e possuir um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário. Segundo esse autor, essas características constituirão as chamadas funções da linguagem, sendo elas:

- 1) Função Emotiva: responsável pela atribuição de significados, como preferências e vontades, sensações físicas, necessidades básicas, estados emocionais, adjectivações e elogios;
- 2) Função Referencial: descrições de ações passadas, presentes e futuras;
- 3) Função Conativa: utilização de imperativos para realizar pedidos e solicitação de resposta;
- 4) Função Fática: responsável pelos tratamentos, frases não proposicionais, sons onomatopéicos e contrações interrogativas monossilábicas.

Pessoa, Moura e Oliva (2008) concluem que as mães utilizam, na maioria das vezes, no processo inicial de comunicação, recursos linguísticos que possibilitam iniciar, prolongar, chamar a atenção ou interromper a comunicação por meio do uso de interjeições, questionamentos, chamados e onomatopéias, as quais constituem a chamada função fática da fala, utilizada para chamar ou manter a atenção da criança, o que indica que as mães, mais do que passar informações para os filhos, estão inserindo os mesmos em um contexto conversacional.

No estudo de Silva e Name (2014), a fala de mães falantes nativas do Português Brasileiro com seus bebês foi investigada com o objetivo de compreender se os bebês brasileiros com idade média de treze meses são sensíveis às propriedades prosódicas que demarcam fronteiras de sintagmas entoacionais na fala dirigida à criança. Foi identificado que tais propriedades são percebidas pelos bebês, que as utilizam como pistas para

segmentar o todo da fala em unidades gramaticalmente significativas. Segundo a referida pesquisa, conclui-se que as informações acústicas disponíveis nas fronteiras de constituintes prosódicos são ampliadas na fala dirigida à criança e podem facilitar o desencadeamento do processo de aquisição da linguagem.

Thiessend et al. (2005), em estudo com 40 bebês falantes do inglês entre 6,5 e 7,5 meses, com a utilização de frases sem sentido faladas com contornos de entonação característicos da fala dirigida aos adultos, em comparação com frases faladas com contornos de entonação característicos da fala dirigida à criança, objetivou analisar se a fala dirigida à criança facilita a segmentação de palavras. Os autores concluíram que a fala dirigida à criança facilita a segmentação de palavras na fala contínua por meio da informação prosódica e que pode ser útil para outros aspectos da aquisição de linguagem.

Dominguez et al. (2017), ao analisar o discurso materno em quinze díades mães e recém-nascidos entre 2 e 4 dias de vida, destacam que, desde o início, as mães consideram seus filhos como parceiros capazes de compartilhar suas intenções, suas emoções e desejos com elas, durante as trocas intersubjetivas.

Flores, Beltrami e Souza (2011), em um estudo no qual são comparadas díades mães-bebês com presença e ausência de manhês, concluem que o manhês é elemento fundamental para a detecção de risco precoce ao desenvolvimento infantil e à aquisição da linguagem.

A partir dessa revisão bibliográfica, é possível salientar a relevância de estudos concernentes ao papel da prosódia materna no processo de aquisição de linguagem. Diante dessa perspectiva, a presente pesquisa objetivou investigar a relação entre os padrões prosódicos da fala materna e a constituição do processo interativo mãe-bebê e discutir a importância dessa experiência precoce da criança no processo de aquisição de linguagem.

## **2 MÉTODO**

Trata-se de um estudo quantitativo e qualitativo, transversal, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FCM/UNICAMP, com o número do parecer 1.886.061. A pesquisa foi realizada no Centro de Estudos, Pesquisa e Reabilitação “Professor Doutor Gabriel O. S. Porto” (CEPRE/FCM/UNICAMP), local em que as díades mães-bebê foram recrutadas.

A amostra constituiu-se por 10 (dez) bebês, com faixa etária entre 3 e 8 meses. A pesquisa foi realizada em um único encontro, o qual foi registrado em vídeo e áudio. Após esclarecimentos a respeito da duração, objetivos e procedimentos da pesquisa, as

mães foram convidadas a participar do estudo e, após concordância, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os bebês incluídos no estudo foram os de faixa etária compatível, sem histórico de alterações orgânicas, acompanhados de suas mães e/ou pelos familiares. Características como sexo, cor/raça, etnia, classe e grupo social foram irrelevantes para a pesquisa.

No início do encontro, foi realizada uma entrevista semiestruturada, em que as mães foram questionadas em relação às suas percepções sobre a interação com a criança, linguagem, rotina e preferências do filho.

No mesmo encontro, após a entrevista, as mães foram convidadas a brincar e conversar livremente com seus filhos, por 15 a 20 minutos. Foram disponibilizados brinquedos diversos, devidamente higienizados, em uma sala reservada, tendo à disposição uma maca acolchoada e forrada com papel. A duração total de cada encontro não ultrapassou 50 minutos.

## **2.1 Instrumentos e forma de análise dos dados**

Os dados coletados foram sistematizados e analisados, a partir da transcrição do material gravado.

O material gravado em áudio, com um gravador unidirecional digital TASCAM no formato wav, possibilitou a análise acústica. É importante salientar que a análise acústica vocal é um método objetivo de avaliação da fala/voz, o qual tem como finalidade quantificar e caracterizar um sinal sonoro. É realizada por meio de softwares especializados que fazem a leitura do sinal de fala gravado e permite a análise dos parâmetros acústicos que compõem o sinal, tais como: periodicidade, amplitude, duração e composição espectral (TEIXEIRA et al., 2011).

Segundo Azevedo et al. (2003), analisar acusticamente a prosódia requer a análise de três parâmetros principais, sendo eles:

- Frequência fundamental: parâmetro resultante da vibração das pregas vocais por determinado período de tempo, o que corresponde à melodia;
- Duração: corresponde ao tempo de articulação;
- Intensidade: parâmetro que corresponde à energia vocal utilizada pelo falante.

No presente estudo, os momentos de interação entre a mãe e o bebê foram analisados com o auxílio do *software PRAAT*<sup>®</sup>, por meio dos seguintes parâmetros acústicos extraídos da análise dos espectrogramas: taxa de elocução das mães quando realizavam o manhês com seus bebês, dada pela quantidade de sílabas do enunciado e pelo tempo

de enunciação (sílabas/segundo); extensão vocal das mesmas nessas situações, medida através da diferença entre a frequência fundamental máxima e a mínima do enunciado em questão.

Os dados da entrevista e a situação lúdica, gravada em vídeo, foram transcritos, sistematizados e analisados a partir de um roteiro de observação, adaptado dos instrumentos Protocolo IRDI (KUPFER et al., 2009) e Questionário Preaut (CRESPIN; PARLATO-OLIVEIRA, 2015). Tais instrumentos possibilitam a avaliação da constituição psíquica e da interação entre cuidadores e bebês.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 Caracterização dos participantes**

Participaram da pesquisa 10 díades mãe-bebê, moradoras da região de Campinas, cidade do interior de São Paulo. Algumas díades estavam acompanhadas pelos pais dos bebês e também demais parentes, tais como irmãos, avós e tios. A idade média dos bebês foi de 5 meses e das mães foi de 29 anos. O estado civil variou entre casadas, solteiras e união estável. Em relação à ocupação, duas mães eram estudantes, quatro trabalhavam exclusivamente em casa e quatro possuíam outras profissões, sendo elas auxiliar de caixa, auxiliar de produção, auxiliar de educação e entregadora de panfletos. No entanto, das 10 mães entrevistadas, apenas uma trabalhava, as demais disseram estar desempregadas ou não trabalhavam. O número de filhos variou entre 1 e 4, com idade entre 3 meses e 28 anos. Com relação à escolaridade materna, uma mãe possuía o ensino superior completo, uma possuía ensino superior incompleto, três possuíam ensino médio completo, duas possuíam o ensino médio incompleto, duas tinham ensino fundamental completo e duas tinham ensino fundamental incompleto.

Todas as mães disseram ter realizado pré-natal, a maioria começando entre 0 e 3 meses de gestação e duas delas entre 4 e 6 meses. A gestação foi identificada por sete mães como não planejada, duas como planejada e uma não quis informar. Oito mães relataram que a gravidez foi desejada e apenas uma declarou ter sido indesejada.

Os principais cuidadores das crianças eram as mães e, identificados como outros cuidadores, foram citados, em geral, os avós. Com relação às vivências, cinco bebês não tinham contato com outras crianças, fora os irmãos, e apenas um não possuía brinquedo. As preferências por brinquedos, identificadas por nove mães foram, na maior parte dos casos, brinquedos luminosos, sonoros e mordedores.

### **3.2 Percepções maternas**

A partir de uma entrevista semiestruturada, foi possível analisar os seguintes aspectos: identificação das reações dos filhos aos sons; reconhecimento da diferenciação entre a relação do filho com a mãe e com outras pessoas; iniciativa comunicativa das mães; identificação das preferências dos filhos e interpretação dos seus estados emocionais.

De acordo com a percepção das mães quanto à reação das crianças ao som, nove disseram que os bebês se assustavam e procuravam a voz materna, sendo que oito eram atentos aos sons. Todas as mães relataram que os bebês as chamavam e, com relação à forma, quatro bebês choravam, cinco resmungavam, dois olhavam, vocalizavam e se movimentavam e três gritavam. Das dez mães entrevistadas, seis não identificam formas diferentes do bebê chamar outras pessoas, sendo que as quatro mães que percebem a diferença destacam que seus bebês demonstram isso através de choro, gritos ou se estendendo na direção da outra pessoa.

Todas as mães disseram que chamam os bebês e que os mesmos respondem ao chamado, sendo nove bebês através do olhar, dois pelo sorriso, quatro movimentando-se e três vocalizando. Já com relação à conversa que tinham com seus filhos, oito mães disseram fazê-lo sempre e apenas duas relataram que conversavam com os bebês somente às vezes, sendo, nesse caso, principalmente durante a troca de fraldas, banho e alimentação. Todas as mães relataram ser fácil o contato visual com os bebês, bem como que os mesmos procuram o olhar e utilizam expressões diferentes para informar suas vontades.

Segundo os resultados da pesquisa de Aquino e Salomão (2011), na percepção das mães, os bebês de idade correspondente aos desta pesquisa chamavam a atenção delas por meio do choro e vocalizações, e as respostas para o chamado materno e conversação davam-se por meio de olhares, sorrisos, vocalizações e balbucios, o que corrobora com os achados do presente estudo.

Outras pesquisas na área, tais como as realizadas por Feldman e Reznick (1996), evidenciam que a percepção dos pais sobre as habilidades de comunicação intencional dos filhos é um dado importante, uma vez que pode ajudar a propiciar a eles um ambiente favorável ao desenvolvimento da linguagem, e o input certo para que o mesmo possa ocorrer de maneira satisfatória. Nosso estudo corrobora essa ideia, visto que as percepções maternas relativas às competências linguísticas do bebê, principalmente no que concerne à compreensão e intenção comunicativa, têm direta relação com o uso do manhês. Ao supor que o bebê é um sujeito ativo, participativo e competente, a mãe o insere em situações dialógicas e sustenta inúmeras possibilidades de interação.

### 3.3 Análise dos vídeos

A análise dos vídeos foi feita a partir de um roteiro, adaptado de dois instrumentos: Protocolo IRDI (KUPFER et al., 2009) e Questionário Preaut (CRESPIN; PARLATO-OLIVEIRA, 2015), os quais enfatizam a importância da ilusão antecipadora dos cuidadores, a qual se caracteriza pela antecipação da presença de um sujeito psíquico no bebê. Inicialmente os cuidadores têm que supor um sujeito no bebê, o que significa, por exemplo, que as primeiras reações involuntárias e reflexas apresentadas ao nascer, tais como o choro, a agitação motora, a sucção da própria língua, precisam ser interpretadas pela mãe como um pedido que a criança dirige a ela. Esse reconhecimento permitirá a construção de uma demanda por parte do bebê. Esse processo é a base de toda a atividade posterior de inserção desse sujeito no campo da linguagem e da relação com os outros.

A partir da análise dos vídeos, foi possível observar que oito bebês olhavam para suas mães sem estimulação das mesmas, mas apenas dois sorriam para elas e estendiam-se em sua direção nessas condições. Apenas três bebês se faziam olhar pelas mães sem estimulação prévia das mesmas. No entanto, após estimulação das mães, foi possível observar que todos os bebês olhavam para as mães, bem como que oito sorriam para elas e quatro estendiam-se em sua direção.

Na situação analisada durante os vídeos, foi possível notar que nove das dez mães que participaram da pesquisa realizaram o manhês espontaneamente com seus bebês. No único caso em que a mãe não realizou manhês com o bebê, quem o fez foi a irmã, de apenas quatro anos, que acompanhava a díade. Foi possível observar que o bebê reagiu a esse manhês, ainda que houvesse outros elementos que chamassem a atenção da criança, como as brincadeiras realizadas pela irmã. Dessa forma, foi possível concluir que todos os bebês reagiram ao manhês. Também foi possível observar que todas as mães propunham algo para as crianças e aguardavam suas reações, bem como realizavam troca de olhares com os bebês. Já com relação à interpretação das expressões dos bebês, apenas quatro, das dez mães, souberam identificar o que os bebês queriam após choro ou grito. Em apenas um caso foi observado que o bebê utilizou diferentes sinais para expressar suas necessidades.

É importante ressaltar que algumas mães apresentaram dificuldades em começar a conversar e/ou brincar com os bebês, talvez devido à artificialidade da situação. Algumas se fixavam nos brinquedos e solicitavam que as crianças olhassem para os mesmos, no entanto, não intermediavam a relação entre a criança e o brinquedo. Simplesmente entregavam os brinquedos para os bebês e deixavam que eles segurassem, sem apresentar

verbalmente o objeto ou ensinar-lhes a função do mesmo. Outras mães já apresentavam maior facilidade e espontaneidade para brincar com os filhos.

Com relação ao manhês, foi possível observar que, apesar de as mães realizarem-no espontaneamente durante a gravação, as funções assumidas variavam de acordo com a idade e as reações da criança. Como os bebês mais novos, entre 3 e 5 meses, possuem menor controle motor, nota-se que o manhês é mais interessante para eles, pois além de permitir criação e fortalecimento de vínculo com o cuidador, é também a forma como começam a conhecer o mundo sem necessidade de habilidades motoras ainda não desenvolvidas, tais como sentar-se sozinho, engatinhar ou andar. O manhês possibilita ao bebê a imersão na linguagem e no mundo ao seu redor. Já com os bebês mais velhos, entre 6 e 8 meses, o ambiente e os objetos parecem ser, em alguns momentos, mais interessantes que o manhês, mas ainda assim eles não deixam de preferir a voz materna, principalmente quando vem acompanhada de interação da mãe. As funções do manhês também sofrem mudanças de acordo com as reações que as crianças apresentam e das habilidades linguísticas que desenvolvem, sendo usado para chamar atenção, acalmar, entreter e também para narrar e significar as ações dos bebês, inserindo-os no mundo da linguagem, mas também em um mundo de regras sociais.

Esses achados corroboram a literatura, em relação às diferentes funções assumidas pela fala dirigida à criança, referidas por autores como Fernald (1991) e Jakobson (1995).

A seguir, podemos identificar, a partir dos trechos transcritos dos áudios, algumas funções distintas do manhês:

- 1) Bebê 8 (3 meses): “É mamãe, ó que coisa mais gostosa” - Fala utilizada para engajar e manter a atenção dos bebês bem pequenos.
- 2) Bebê 1 (4 meses): “*Eu num quero mamãe, num quero*” - Fala utilizada para modular ativação e emoção nos bebês.
- 3) Bebê 8 (3 meses): “*Branquelinho, meu branquelinho, é*” - Fala na qual a prosódia assume funções de chamar a atenção do bebê, além de comunicar sentimentos e intenções do falante.
- 4) Bebê 4 (5 meses): “*pega a chupeta, ce gosta*” e bebê 8 (3 meses): “*tô bonzinho, tô com fome mas tô bonzinho né? É*” - Função Emotiva: responsável pela atribuição de significados, como preferências e vontades, sensações físicas, necessidades básicas, estados emocionais, adjetivações e elogios. Além da função emotiva, esses trechos também desempenham a função de engajar o bebê na conversa e exercem a função conativa ao realizar pedidos e solicitação de respostas.

- 5) Bebê 1 (4 meses): “*Tá oiando pra ele Rafaela? Tá?*” - Função Referencial; descrições de ações passadas, presentes e futuras.
- 6) Bebê 3 (6 meses): “*fala oi pa elas, que foi?*” - Função Conativa: utilização de imperativos para realizar pedidos e solicitação de resposta.
- 7) Bebê 6 (7 meses): “*oi Maria Paula*” - Função Fática: responsável pelos tratamentos, frases não proposicionais, sons onomatopéicos e contrações interrogativas monossilábicas.

Uma questão importante a ser destacada a partir da análise dos vídeos é a escassez de vocalizações dos bebês pesquisados diante do manhês. A maioria deles apenas olhava ou sorria. A partir dessa reação, algumas mães paravam de realizar o manhês, já outras intensificavam ainda mais, buscando que a criança apresentasse reações diferentes. De acordo com D’Odorico et al. (2011), a frequência das vocalizações produzidas aos seis meses de vida está relacionada com a taxa de aquisição de vocabulário, enquanto a complexidade do balbucio pode ser relacionada à aquisição rápida das palavras. Apesar de não haver nenhuma relação forte entre a frequência de vocalizações ou balbucios iniciais e a quantidade de fala ou tempo de início desta posteriormente, sabe-se que esses sons produzidos pelas crianças vão aumentando ou diminuindo conforme a reação que provocam no outro. Se, com sua vocalização, a criança desperta uma estimulação do outro, então esta ação é alimentada positivamente e tende a aumentar, enquanto que o oposto tende a desestimular a ação. Há ainda que se considerar o fator perceptivo da criança, pois ao passo que a criança começa a perceber sua própria voz, tende a continuar a balbuciar, mesmo sem estímulo do outro. Isto sugere que a capacidade comunicativa exibida pelos bebês no período pré-linguístico é um indicador confiável do desenvolvimento linguístico subsequente.

### **3.4 Análise acústica**

Para a análise acústica, realizada utilizando o software PRAAT®, foram selecionados os trechos da gravação em áudio em que foi possível observar a realização do manhês pelos cuidadores, acompanhada por uma reação da criança. A partir desse critério, obtivemos a amostra de 21 trechos que atendem a essas condições.

**Tabela 1:** Análise da taxa de elocução e extensão vocal nos trechos selecionados.

The haunted palace	Idade (meses)	Trecho	Transcrição	Número de sílabas do enunciado	Tempo em segundos	Taxa de elocução (sílabas/segundo)	Média de elocução por bebê (sílabas/segundos)	Intensidade máxima em HZ	Intensidade mínima em HZ	Extensão vocal (diferença) em HZ	Média da extensão vocal em HZ	Reação da criança
<b>Bebê 1</b>	4	6	“Pegu bisão pega, pega bisão pega fia pega”	15	4	3,75	4,1	510	195	315	303,75	olha
		7	“eu num quero mamãe, num quero”	9	2,66	3,38		519	125	394		sorri
		13	“tá oiando pra ele Rafaela? Ta?”	11	1,93	5,70		443	147	296		olha
		14	“num quero mãe conversa com ele é”	11	2,89	3,80		338	128	210		olha
<b>Bebê 3</b>	6	1	“fala oi pa elas, que foi?”	8	2,85	2,8	4,1	448	141	307	267,5	vocaliza
		4	“aleguia aleguia quisto está aqui”	14	6,30	2,22		440	210	230		Olha e sorri
		8	“é a mamãe, que que você que?”	9	2,67	3,37		431	224	221		Sorri e vocaliza
		9	“a mamãe, cadê a mãe? Cadê? cadê a mamãe?”	14	5,69	8,31		522	210	312		Olha, sorri e vocaliza
<b>Bebê 4</b>	5	4	“palma palma palma”	6	2,29	2,6	2,25	395	121	274	320,5	Sorri e olha
		9	“pega a chupeta, ce gosta”	9	4,7	1,9		495	128	367		Sorri e olha
<b>Bebê 6</b>	7	1	“oi Maria Paula”	6	1,38	4,35	4,3	527	161	366	366	Sorri e olha
<b>Bebê 7</b>	7	2 (pai)	“que que foi?”	3	0,94	3,2	3,5	234	176	58	218	sorri
		10	“e se eu te der uma cosquinha?”	10	1,73	5,78		498	218	280		sorri
		15	“alô, tudo bem?”	5	1,85	2,7		490	245	245		olha
		16	“num pode”	3	1,28	2,34		397	111	289		Olha e sorri
<b>Bebê 8</b>	3	2	“em meu príncipe?, tudo bom meu amor?”	11	3,15	3,49	2,7	526	258	268	328	olha
		4	“é mamãe, ó que coisa mais gostosa”	11	4,62	2,38		526	147	379		Volta a olhar
		5	“meu amor, em príncipe?”	7	3,03	2,31		512	226	318		vocaliza
		5b	“tô bonzinho, tô com fome mas tô bonzinho né?é”	15	5,72	2,62		509	194	315		Sorri e vocaliza
		10	“branquequinho, meu branquequinho, é”	10	5,25	1,9		529	144	385		Olha e vocaliza
		11b	“cadê o menino lindo? Cadê? cadê o menino lindo?”	18	4,5	4		522	223	299		Olha, sorri e vocaliza
<b>Média geral</b>						3,4				300,6		

Nos trechos acima selecionados, é possível observar que as mães, ao falarem com seus bebês, utilizam frases curtas e simples, bem como há redução da taxa de elocução e aumento da extensão vocal, durante a realização do manhês.

Segundo Behlau (2001), a taxa de elocução esperada para um adulto, em situação dialógica normal é, em média, de 4 a 6 sílabas por segundo. Os achados desta pesquisa mostram que as mães usaram uma média de 3,4 sílabas por segundo quando realizaram o manhês com seus filhos, ou seja, diminuíram a velocidade de fala durante o uso do manhês, o que, segundo Arcuri et al. (2009) relaciona-se à silabação da emissão, aos prolongamentos finais dos sons emitidos e também às pausas realizadas. Em relação à extensão vocal de um adulto, expressa pela distribuição média da frequência fundamental (número de ciclos feitos pelas pregas vocais em um segundo), a literatura aponta ser de 80 a 250Hz, sendo 80Hz a frequência fundamental mais grave e 250Hz a mais aguda (BEHLAU, 2001). Já os achados desta pesquisa mostram que as mães, durante a realização do manhês, realizaram a extensão vocal média de 300,6 Hz, ou seja, utilizaram ampla variação da frequência e voz mais aguda.

Esses resultados estão de acordo com a literatura, a qual aponta como características do manhês a utilização de frases curtas e repetidas, simplificação morfológica das palavras e tom de voz mais agudo, com prolongamento de vogais e velocidade reduzida (CATÃO, 2009).

Nos trechos transcritos a seguir, é possível ainda identificar uma diversidade lexical constituída por palavras concretas, perguntas, e uso de imperativo, como bem apontam Paavola et al. (2005).

Bebê 1: “Pegu bisão pega, pega bisão, pega fia pega”

Bebê 3: “fala oi pa elas, que foi?”

Bebe 7: “num pode”

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa investigou a relação entre a prosódia e a aquisição da linguagem, a partir da análise da interação mãe-bebê. Destaca-se que as mães conversam com seus bebês utilizando um modo especial de fala, o manhês, o qual possui características prosódicas específicas, tal como taxa de elocução menor e ampla extensão vocal, recursos que chamam a atenção da criança, além de assumir funções diferentes conforme a idade e a reação da criança.

É notável que todas as mães da pesquisa tenham afirmado que conversam espontaneamente com seus filhos durante diversas situações do dia-a-dia, como troca de fraldas, banho e brincadeiras, bem como que as crianças reagem ao manhês de diversas formas. Isso é extremamente importante não só para criar e manter o vínculo entre mãe-bebê, visto que as mães reconhecem seus filhos como parceiros dialógicos, uma vez que notam reações deles ao manhês, mas também para a aquisição da linguagem, já que ele é mais interessante aos bebês do que a fala comum, o que contribui para um input linguístico maior. Salienta-se ainda que o adulto cuidador, ao dedicar seu olhar e escuta à criança, a convoca a um lugar enunciativo. Ao interpretar as manifestações da criança, sejam verbais ou não-verbais, o adulto reconhece a autoria da produção infantil e projeta o lugar de um eu para a criança.

É importante enfatizar também que, através do manhês e da suposição de sujeito realizada pela mãe, o bebê, que ainda não tem plena capacidade para ocupar seu lugar no diálogo, é representado pela mãe. Dessa forma, ela assume, no início, alternadamente as duas posições: ela interpreta a vocalização do bebê e fala por ele. Assim, é construído um espaço de interação e através da relação de afeto, a mãe facilita à criança a continuidade do diálogo.

Devido ao caráter exploratório desta pesquisa, se faz necessário a continuidade e aprofundamento de estudos nessa área, a partir de pesquisas longitudinais que possam acompanhar o desenvolvimento linguístico das crianças, a partir de estudos naturalísticos, em ambiente familiar. Também é interessante que possam ser investigadas as diferenças e semelhanças entre o manhês realizado pelos pais e pelas mães.

## Referências

- AQUINO, F. S. B.; SALOMÃO, N. M. R. Percepções maternas acerca das habilidades sociocomunicativas de bebês. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília/DF, v. 31, n. 2, p. 252-267, 2011.
- ARCURI, C. F. et al. Taxa de elocução de fala segundo a gravidade da gagueira. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri/SP, v. 21, n. 1, p. 45-50, Mar. 2009.
- AZEVEDO, L. L.; CARDOSO, F.; REIS, C. Análise acústica da prosódia em mulheres com doença de Parkinson: Comparação com controles normais. *Arquivos de Neuro-psiquiatria*. São Paulo, v. 61, n. 4, p. 995-998, Dez. 2003.
- BARBOSA, P. A.; MADUREIRA, S. Experimentação em Fonética Acústica: Prosódia. In: BARBOSA, P. A.; MADUREIRA, S. *Manual de fonética acústica experimental: Aplicações a dados do português*. São Paulo: Cortez, 2015. p. 196-231.

BEHLAU, M. et al. Avaliação de voz. In: BEHLAU, M. *Voz: O livro do especialista*. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2001. p. 85-180.

BORREGO, M. C. M; BEHLAU, M. Recursos de ênfase utilizados por indivíduos com e sem treinamento de voz e fala. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 216-224, junho, 2012.

CATÃO, I. *O bebê nasce pela boca: Voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2009.

CAVALCANTE, M. C. B.; BARROS, A. T. M. C. Manhês: Qualidade vocal e deslocamentos na dialogia mãe-bebê. *Revista Veredas*. Juiz de Fora/MG, volume especial, p. 25-39, 2012.

CRESPIN, G. C.; PARLATO-OLIVEIRA, E. O projeto Preaut. In: JERUSALINSKY, A. *Dossiê autismo*. São Paulo: Ed. Langage, 2015. p. 435-454.

DOMINGUEZ, S. et al. Le nouveau-né, un partenaire pour sa mère. Analyse du discours maternel. *Neuropsychiatrie de l'Enfance et de l'Adolescence*, v. 65, n. 4, p. 201-210, 2017.

D'ODORICO, L. et al. Characteristics of phonological development as a risk factor for language development in Italian-speaking pre-term children: a longitudinal study. *Clin Linguist Phon.* v. 1, n. 25, p. 53-65, 2011.

FELDMAN, R; REZNICK, J. S. Maternal perception of infant intentionality at 4 and 8 months. *Infant Behavior and Development*. v. 19, n. 4, p. 483-496. 1996.

FERNALD, A. Prosody in speech to children: prelinguistic and linguistic functions. *Annals of child development*, v. 8, p. 43-80, 1991.

FLORES, M. R. et al. O manhês e suas implicações para a constituição do sujeito na linguagem. *Revista Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 23, n. 2, ago. 2011.

JAKOBSON, R. Linguística e poética. In: JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995. p.118-148.

KUPFER, M. C. M. et al. Valor preditivo de indicadores de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. *Lat. Am. Journal of Fund. Psychopath.* V. 6, n. 1, p. 48-68, 2009.

LAZNIK, M. C. et al. Interações sonoras entre bebês que se tornaram autistas e seus pais. In: *Anais do Colóquio franco-brasileiro sobre a clínica com bebês*, 1. Paris, 2005. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000072005000100004&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000072005000100004&script=sci_arttext). Acesso em: 7 set. 2017.

LEMOS, C. T. G. Sobre o estatuto linguístico e discursivo na narrativa da fala da criança. *Linguística*, v. 13, p. 23-60, 2001.

LOPES, L. W; LIMA, I. L. B. Prosódia e transtornos da linguagem: levantamento das publicações em periódicos indexados entre 1979 e 2009. *Revista CEFAC*, São Paulo, v.16, n. 2, Mar./Apr. 2014.

PAAVOLA, L. et al. The functions of maternal verbal responses to prelinguistic infants as predictors of early communicative and linguistic development. *Sage Journals: First Language*, v. 25, n. 2, p. 173-195, 2005. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0142723705050341>. Acesso em: 16 ago.2017.

PESSÔA, L.; MOURA, M. L. S. Características pragmáticas da fala materna em díades mãe-bebê (aos cinco e vinte meses). *Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 60, n. 1. abr. p. 82-95, 2008.

PESSÔA, L. F.; MOURA, M. L. S.; OLIVA, A. D. A análise da fala materna dirigida a bebês em duas etapas do desenvolvimento. *Psicologia em Pesquisa*, Juiz de Fora/ MG, v. 2, n. 2, jul/dez. p. 74-86, 2008.

SCARPA, E. M. Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 203-232.

SCARPA, E. M.; SVARTMAN, F. F. Entoação e léxico inicial. *Revista Veredas*, Juiz de Fora/MG, volume especial, p. 40-54, 2012.

SILVA, I. O.; NAME, C. A sensibilidade de bebês brasileiros a pistas prosódicas de fronteiras de sintagma entoacional na fala dirigida à criança. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 4-25, jan./jun., 2014.

SOCHA, A. A função especular da voz materna e suas referências ao psiquismo e à constituição do si mesmo. *Winnicott e-prints*, São Paulo, v.3, n.1 e 2, p. 1-12, 2008.

TEIXEIRA, J. P.; FERREIRA, D. B.; CARNEIRO, S. M. Análise acústica vocal: determinação do Jitter e Shimmer para diagnóstico de patologias da fala. In: *6º Congresso Luso-Moçambicano de Engenharia*, Maputo, Moçambique. Biblioteca Digital do Instituto politécnico de Bragança, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10198/7282>. Acesso em: 24 jun. 2017.

THIESSEN, E.D.; HILL, E. A.; SAFFRAN, J. R. Infant-directed speech facilitates word segmentation. *Infancy*. Pittsburgh, P.A., v. 7, n. 1, p. 53-71, jan. 2005. Disponível em: [http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1207/s15327078in0701\\_5/epdf?r3\\_referer=wol&tracking\\_action=preview\\_click&show\\_checkout=1&purchase\\_referrer=onlinelibrary.wiley.com&purchase\\_site\\_license=LICENSE\\_DENIED](http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1207/s15327078in0701_5/epdf?r3_referer=wol&tracking_action=preview_click&show_checkout=1&purchase_referrer=onlinelibrary.wiley.com&purchase_site_license=LICENSE_DENIED). Acesso em: 15 ago. 2017.



Data de submissão: 30/01/2018

Data de aceite: 15/04/2019